

ARTES PLASTICAS

Exposição dos Artistas Modernos Independentes—Ha três zonas, perfeitamente definidas nesta exposição dos Artistas Modernos Independentes, antecostem inaugurada numa galeria da Casa Quintão, na rua Ivens, 32.

Na primeira, a mais acessível ao gosto comum e á sensibilidade da maioria dos visitantes, pôde figurar Arlindo Vicente, nos cinco desenhos que ali trouxe. Arlindo é um desenhador de jeito classico, contornando com muita graciosidade e muita suavidade, moderno pela expressão e pela intenção, mas sem que nos seus trabalhos nada ofenda ou choque a visão do grande publico. Os seus desenhos agradam incondicionalmente e deles, mais do que os outros, «Mã nova», feito em 1934.

Na segunda zona, já para os que tenham a sua cultura artistica actualizada e visão educada nos moldes plasticos modernos, podem-se colocar Almada e Sara Afonso, Mario Eloy e Julio e o escultor alemão Hein Semke.

Requintado artista, desenhador primoroso e ilustrador por excelência, Almada oferece a esse publico, tambem numeroso, «Duplo retrato», que é um delicioso trabalho á sua maneira, cheio de caracter e de espirito: «Sargaceira», tela tratada com

um sentido francamente decorativo, em tom de pintura mural, e um belo desenho, «Rapaz dormindo», que está pessimamente colocado, num recanto, sem luz, da sala.

Sara Afonso, que mantém o seu apêgo ás formulas de uma arte meia rustica, meia infantil, apresenta ali—coloridos, harmoniosos, populares—«Paisagem do Minho» e «Carroussel».

Mario Eloy, o pintor do bando, tem um quadro apenas—«O Homem». Factura vigorosa. Sentido religioso de expressões. Evidencia-se entre os demais trabalhos. Nota-se e admira-se naturalmente.

Julio, em seis telas sinteticas, pintadas com tintas metalicas, atesta mais uma vez a sua personalidade artistica, cheia de interesse.

Hein Semke, no «Abismo», no «Tema actual» e no «Beijo de Judas», produções de grande porte e beleza hieratica, sinceras, marca o ritmo da sua forma plastica impressionante. Nos três «Retratos», ambos em gesso, traduz numa nova modalidade uma nova inquietação da sua alma insatisfeita.

Antonio Pedro marca uma transição, estabelece uma fronteira entre esta segunda zona e a seguinte. Já não a passam todos os visitantes. Mas os iniciados no «Determinismo» apreciam a valer as suas composições, meditam diante da estranha «Dança de Roda», sentem o «Refoulement» e a «Crise», percebem a «Suave linguagem» e aspiram o metafisico perfume das «Flores facéis».

Depois—terceira zona—em regiões de «Ultra racionalismo», impressões de estados espirituais de absorção, dominios do nirvana, em companhia de W. S. Haiter, de Arpad Izenes e de Maria Helena Vieira de Silva. Izenes, do pintor Gera Szobel, deixemos a outros, noutros escritos, e em conferencias ou conversas, o exacto apreço de suas obras, certos, no entanto, de que os movem sinceridades e firmes convicções que não deixam de ser sinceridades e firmes convicções porque a maioria das gentes como tal as não entende.